



A Igreja e o Espírito Santo no Catecismo Maior de Martinho Lutero¹

The Church and the Holy Spirit in Martin Luther's Great Catechism

Lubomir Žak ^[a] 

Olomouc, República Checa

Universidade Palacky de Olomouc

Como citar: ŽAK, Lubomir. A Igreja e o Espírito Santo no Catecismo Maior de Martinho Lutero. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 326-342, maio/ago. 2024. DOI: doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.AO03

Resumo

O estudo oferece uma leitura aprofundada com relação a concepção de Lutero sobre a relação da Igreja e o Espírito Santo. A ênfase é colocada na ideia luterana da absoluta dependência da Igreja das ações do Espírito, articulada no interior do quadro trinitário da teologia da justificação pela fé. Por meio da análise do Catecismo Maior, em particular, do comentário ao terceiro artigo do Credo, o estudo destaca a originalidade da abordagem de Lutero sobre o tema em questão. Esta abordagem comporta interpretar a ligação entre a Igreja e o Espírito, a eclesiologia e a pneumatologia na perspectiva de uma original teologia da Revelação. Esta perspectiva coloca em evidência a Igreja como uma "realidade complexa", sempre em transformação graças ao agir da Trindade, por meio do qual, no Espírito, a Palavra eterna do Criador se torna presente na comunidade santa.

Palavras-chave: Martinho Lutero. Igreja. Espírito Santo. Santificação. Revelação.

Abstract

The study provides an in-depth exploration of Luther's understanding of the relationship between the Church and the Holy Spirit. Emphasis is placed on the Lutheran idea of the Church's absolute dependence on the

¹ Tradução do original italiano: Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes.

[a] Doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana de Roma, e-mail: lubomir.zak@upol.cz

actions of the Spirit, articulated within the Trinitarian framework of the theology of justification by faith. Through the analysis of the Great Catechism, particularly the commentary on the third article of the Creed, the study highlights the originality of Luther's approach to the topic in question. This approach involves interpreting the link between the Church and the Spirit, ecclesiology and pneumatology, from the perspective of an original theology of Revelation. This perspective illuminates the Church as a "complex reality", evolving through the action of the Trinity, through which, in the Spirit, the eternal Word of the Creator is made present among the holy community.

Keywords: Martin Luther. Church. Holy Spirit. Sanctification. Revelation.

Introdução

O presente estudo se ocupará da compreensão de Lutero a respeito da relação entre a Igreja e o Espírito Santo. Deve-se dizer, imediatamente, que para o reformador de Wittenberg trata-se de uma relação de absoluta dependência da Igreja para com o Espírito, que ele concebe e interpreta no contexto do agir salvífico de todas as três pessoas da Trindade. Além disso, a ideia que ele tem da relação entre o agir eclesial e o agir do Espírito é de uma considerável complexidade que, para poder entrar nos seus meandros, precisa ser investigado com atenção às intuições originárias que a desenvolveram, como uma das ideias chaves da eclesiologia luterana²; mas também com a consciência da sua crucial importância tanto para o diálogo católico-luterano, como para o debate teológico intra-protestante a propósito da interpretação pentecostal/evangélica sobre o papel do Espírito Santo na vida do crente e na comunidade cristã.

O artigo se concentrará sobre o comentário teológico-catequético de Lutero ao *terceiro artigo*³ do Credo apostólico, inserido no *Catecismo Maior* (BSLK 544,1 -733,24)⁴. Os motivos, por sua vez, que justificam esta escolha são dois. O primeiro: o *Catecismo Maior* é, sem dúvida, de crucial importância para o estudo da relação entre a Igreja e o Espírito. O segundo motivo é que esta obra, tal como apresenta-se estruturada a abordagem de cada tema, evidencia com clareza um pensamento fundamental, ou seja, aquele específico horizonte hermenêutico, que Lutero utiliza habitualmente nas suas reflexões teológicas, incluída a reflexão sobre a Igreja. De fato, as singulares partes do catecismo – isto é a explicação do Decálogo, do Credo, do Pai Nosso e depois do Batismo, da Ceia e da Confissão – e a ordem da sua respectiva sequência, testemunham a existência de uma clara lógica interpretativa, ou seja, exprimem um precioso olhar hermenêutico sobre os conteúdos de verdade de cada parte. O que caracteriza esta hermenêutica é o seu desdobrar-se na perspectiva da justificação pela fé.

Outro esclarecimento introdutório deve ser acrescentado ao que foi até aqui desenvolvido e diz respeito à centralidade do comentário ao *terceiro artigo* dentro do conjunto das considerações de Lutero ao Credo, uma centralidade tal que o faz parecer até mesmo a parte culminante de todo o *Catecismo Maior*. Para o teólogo luterano Eilert Herms, que apoia esta avaliação, é evidente que o comentário ao *terceiro artigo* tenha “a função de uma suma” (1987, p. VI), porque precisamente esta parte das explicações teológicas de Lutero nos permite apreender e resumir o conteúdo do *primeiro*⁵ e do *segundo*⁶ artigos, tornando compreensível e manifesta – na sua unidade de significado – toda a doutrina do Credo e, com ela, do próprio catecismo. Em suma, Herms está convencido de que “ao expor a doutrina cristã, Lutero reconhece no *terceiro artigo* a função daquele centro que liga todos os temas entre si e a partir do qual se compõe a estrutura da sua correlação sistemática” (1987, p. VI-VII).

² Entre os estudos dedicados à eclesiologia de Lutero remeto a Müller (2004); Decaro (2005); Herms (2010); Harasta (2011).

³ O terceiro artigo, na versão do Catecismo Maior, recita: “Creio no Espírito Santo, na uma santa igreja cristã, a comunidade dos santos, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e uma vida eterna” (Bslk 653,26-30). Para um estudo mais aprofundado do comentário de Lutero ao terceiro artigo pode-se observar os estudos de Peters (1991); Cavallotto (1983); Herms (1987).

⁴ Ainda deve-se considerar seriamente a existência de um nexos estreito entre o *Grande Catecismo* e o *Pequeno Catecismo* e a função propedêutica do segundo (Bslk 504,35-39).

⁵ Lutero indica como primeiro artigo as palavras iniciais do Credo apostólico: “Creio em Deus, Pai onipotente, CRIADOR do céu e da terra” (Bslk 647,24-26).

⁶ O segundo artigo recita: “E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso SENHOR, concebido do Espírito Santo, nascido da virgem Maria, que padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morreu e foi sepultado, desceu a mansão dos mortos; o terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao céu, sentando-se à direita de Deus Pai onipotente, e de lá é que virá julgar os vivos e os mortos” (Bslk 650,43 - 651,9).

A partir da chave de leitura oferecida por Herms, o presente estudo procura responder às seguintes questões: Quais são os elementos essenciais que emergem da análise teológica do breve comentário de Lutero ao *terceiro artigo* do Credo quando se interroga sobre a relação entre a Igreja e o Espírito? E como tais elementos deveriam ser entendidos à luz da teologia da justificação pela fé?

O ser da Igreja no espaço do agir do Espírito

É preciso dizer, em primeiro lugar, que no comentário ao *terceiro artigo* Lutero faz a mesma escolha realizada no contexto dos dois artigos anteriores: identifica uma espécie de palavra-chave para exprimir de modo sintético todo o conteúdo do relativo trecho do Credo. E a palavra-chave do *primeiro artigo* é “Criador” utilizada para indicar a ação divina de criar (BSLK 647,42 - 648,31), já “Senhor” (sinônimo de “Redentor”) é aquela do segundo artigo conexa com a ação divina de redimir (651,15-22.34-36; 652,25-34). Quanto ao *terceiro artigo*, Lutero sintetiza o conteúdo todo com a palavra “Espírito Santo”⁷, observando que não consegue escolher para este artigo um título melhor do que santificação, visto que com ele “é descrito e caracterizado o Espírito Santo com o seu ministério, isto é, o fato de que Ele nos torna santos” (653,33-39). Não se trata de uma escolha apenas de natureza didática, destinada a garantir que as ‘crianças’⁸ possam aprender facilmente o Credo, mas é preferencialmente teológica. A intenção é sublinhar que a realidade chamada “igreja” existe pela ação do Espírito Santo e, por meio dele, de toda a Trindade.

O primeiro resultado desta explicação do *terceiro artigo* é que no *Catecismo Maior* a pneumatologia passa a incluir a eclesiologia; no sentido de que a eclesiologia, com os seus principais conceitos e argumentos, passa a fazer parte de uma discussão mais ampla, aquela que pertence justamente à pneumatologia. Lutero explica tal inclusão apresentando o Espírito Santo como protagonista dos momentos chave tanto da constituição da Igreja - como comunidade dos santos - quanto da eclesialidade dos batizados. Portanto, é o Espírito Santo “quem conduz o batizado a participar da comunidade dos santos e o coloca no seio da Igreja” (654,14-15); ao mesmo tempo é sempre o Espírito quem convoca a santa comunidade “numa só fé, num só sentir e numa só compreensão; na diversidade dos dons, entretanto unidos no amor, sem facções e divisões” (657,29-32)⁹. Para Lutero a convocação dos batizados na unidade de compreensão é de grande relevância. Não se trata aqui de qualquer tipo de compreensão, mas aquela da doutrina do Credo Apostólico - e, portanto, da compreensão da fé - que ensina “aquilo que Deus realiza por nós e nos dá” (666,24-26). Já que nenhuma sabedoria humana pode compreender a fé, esta “deve ser ensinada somente pelo Espírito Santo” (661, 28-29).

⁷ “Por isto devemos nos basear sobre a palavra ESPÍRITO SANTO, porque é tão sintética que não se pode encontrar uma melhor” (BSLK 653,36-39).

⁸ Mesmo recordando que o catecismo serve para instruir na fé as “pessoas simples” e, portanto, antes de tudo as crianças (BSLK 553,35; 647,5), Lutero convida os cristãos a considerar-se como “crianças” e, por conseguinte, seguir o seu exemplo: “[...] faço como uma criança, a qual se ensina o Catecismo: pela manhã, e quando tenho tempo, leio e também recito, palavra por palavra, o Pai nosso, os Dez mandamentos, o Credo, alguns Salmos etc. Devo, além disso, fazer cotidianamente outras leituras e outros estudos: entretanto, não terminei ainda de aprender como gostaria, mas devo permanecer como uma criança e um aprendiz do Catecismo, e permaneço assim de boa vontade” (BSLK 547,33 - 548,18).

⁹ A partir da leitura do *terceiro artigo* fica suficientemente evidente que tal agir do Espírito Santo está orientado simultaneamente para o batizado e para a comunidade (Igreja), ambos constituídos e mantidos por Deus na fé. Este mesmo conceito - que coloca em relação de profunda unidade o eu e o nós do crente, interpretando-os eclesiologicamente - é ilustrado de modo sintético no *Catecismo Menor* (BSLK 512,2-8).

Lutero não tem dúvidas em afirmar que esta tão diversificada e unitária ação do Espírito Santo – resumidamente chamada de santificação – se desenvolve “por meio da pregação do Evangelho” (654,25), isto é, “mediante a Palavra de Deus” (654,5), e justamente, por isso, insiste na centralidade da Palavra para a santificação já na parte inicial do *Catecismo Maior* e, de modo concreto, no comentário ao terceiro mandamento do Decálogo. Neste tópico, Lutero explica com insistência que para santificar o dia festivo os cristãos devem “praticar coisas santas, isto é, ouvindo diariamente a Palavra de Deus e carregá-la consigo no coração e na boca” (582,43-46). E acrescenta:

a Palavra de Deus é o tesouro que a tudo santifica. Eles mesmos, todos os santos, por ela foram santificados. Toda hora em que se trata, prega, ouve, lê ou medita a Palavra de Deus, dá-se através disso a santificação da pessoa, do dia e da obra, não em virtude da ação externa, mas por causa da Palavra de Deus, que a todos nos torna em santos. Razão por que digo sempre que todo o nosso viver e agir, para chamar-se agradável a Deus, ou santo, deve nortear-se pela Palavra de Deus. Quando esse é o caso, o mandamento está em vigor e vai sendo cumprido. Inversamente, todo o viver e agir alienado da Palavra de Deus é insanto aos olhos de Deus, por mais que brilhe e resplandeça, e ainda que seja exornado puramente de relíquias. [...] Então observe: o acento e a ênfase deste mandamento não está na celebração, mas no santificar, portanto este dia deve ser o dia de uma especial atividade santa; na verdade outros trabalhos ou ocupações não são, propriamente falando, atividades santas, se antes não for santo o ser humano. Mas aqui deve verificar-se uma ação que santifique o próprio ser humano, e isso acontece – como já ouvimos – somente mediante a Palavra de Deus. Para tal finalidade são instituídos e dedicados os lugares, os tempos, as pessoas e todo o culto externo, a fim de que o desenvolvimento da santificação também possa ser realizado em público” (583,33-46; 584,17-29).

Portanto, pode-se alcançar a santificação mediante a Palavra, o Evangelho. Claro, não é pela boca do Espírito Santo que a pregação e o anúncio da Palavra de Deus se realizam, entretanto, é o Espírito quem prega por meio da boca humana. O motivo é claro e Lutero o recorda explicitamente, por exemplo, na obra *Sobre os Concílios e a Igreja*, onde afirma que, desejando respeitar as possibilidades receptivas dos homens, em conformidade com a sua natureza, o Espírito Santo atua “por meios que nós podemos suportar”¹⁰, quer dizer, por meios visíveis (*leibhaftige*), perceptíveis pelos nossos sentidos como “sinais externos”. Afinal, quais meios e instrumentos são esses exatamente? A resposta do *Catecismo Maior* é clara: antes de tudo, por meio da “Igreja Cristã” (*die christliche Kirche*)» (BSLK 654,54)¹¹.

A Igreja como “sinal externo” e instrumento

É por meio da Igreja, na sua visibilidade, que o Espírito Santo prega (654,16) a Palavra de Deus - que como explica Lutero na parte relativa ao terceiro mandamento do Decálogo - “é o tesouro que torna

¹⁰ Trata-se de tais meios “que nós mesmos não poderíamos escolher de modo melhor. Portanto um homem bom e piedoso fala conosco, prega, impõe as mãos, perdoa os pecados, batiza, dá o pão para comer e o vinho para beber. Quem poderia ficar aterrorizado com essas lindas formas externas e não se alegrar de coração?» (WA 50, 647, 19-22).

¹¹ Esta afirmação não tem por objetivo, de fato, subestimar a importância da ideia de Lutero sobre a invisibilidade da Igreja (*Ecclesia invisibilis*) nem da Igreja oculta (*Ecclesia abscondita*), mas simplesmente recorda que ambas devem ser interpretadas a partir de um eclesiologia que considera essencial o aspecto da visibilidade da Igreja como instrumento real e concreto do agir do Espírito Santo, instrumento utilizado a favor dos homens na sua concretude histórico-empírica. A defesa apaixonada da centralidade do conceito de visibilidade para a eclesiologia de Lutero encontra-se na obra de Gherardini (1969, p. 64-66; 1994, 101-113, 122-131, 189-229). Para uma sintética explicação luterana desta questão, visando reiterar a importância da corporeidade (*Leibhaftigkeit*) ou visibilidade da Igreja, recomenda-se a leitura de Herms (2010, p. IX-XXII).

santo todas as coisas” (583,34)¹² e que santificou e continua a santificar os santos. De fato, todos os aspectos já mencionados da ação santificadora do Espírito Santo – expressos com os verbos conduzir (o batizado na santa comunidade), colocar (o batizado no seio da igreja), convocar (a santa comunidade) – acontecem como momentos eclesiais da pregação, como experiência eclesial de encontro com a Palavra que santifica enquanto conduz a Cristo, tornando-o conhecido como Senhor, Redentor¹³. Por isso, Lutero não tem dificuldade em aceitar o tradicional conceito eclesiológico de Igreja-mãe¹⁴. No entanto, distancia-se categoricamente do significado – presente, por exemplo, nas obras do cardeal Umberto de Moyenmoûtier e, sucessivamente, nas obras dos apologistas católicos da época da Reforma – que atribuem a maternidade aos membros que ocupam a função de guia da hierarquia (os prelados). Tal significado, é reiterado, por exemplo, na *Confutatio Pontificia*, redigida pelos opositores de Lutero (Eck e Fabri). Neste sentido Michele Cassese observa:

Quer-se, com tal conceito, exprimir uma modalidade de ser e de apresentar-se da Igreja de Roma ao dar as próprias orientações aos seus fiéis. Esta é a tarefa da hierarquia. Por isso, o caráter de maternidade é encarnado precisamente por parte daqueles que tem o poder de guiar a Igreja. Nos séculos XI-XII encontramos tal conotação atribuída à Igreja, numa dupla função de mãe: que toma providências para corrigir os filhos, e cuida “carinhosamente” das necessidades materiais e do bem das almas. As funções maternas, portanto, para os refutadores da *Confessio Augustana* são atribuídas a uma parte bem definida da Igreja, isto é, à hierarquia a quem é necessário obedecer. Era esta a chamada solene feita em 1520 pelo Papa Leão X na bula de excomunhão a Lutero *Exsurge Domine*: “a Santa Igreja Romana é a mãe de todos os fiéis e mestra da fé”, pela qual os crentes, os filhos, devem nutrir todo o sentimento de caridade, devoção e respeito na observância da disciplina eclesiástica, ou seja, expressar-lhe obediência que é fonte e origem de todas as virtudes” (2007, p. 123-124).

Ao utilizar a expressão “Igreja-mãe”¹⁵, Lutero quer afirmar que a comunidade santa, presente no mundo, mas como fruto do Espírito Santo, “concebe e carrega – em seu ventre – todo cristão mediante a Palavra de Deus” (BSLK 655,4-5). Ao mesmo tempo, insiste sobre o *prius* absoluto do agir do Espírito e, portanto, na posição e função instrumental da Igreja em tal ação salvífica (HERMS, 1987, p. 108-109). Na verdade, é o Espírito Santo quem revela e inculca a Palavra, é Ele que “ilumina e incendeia os corações para que eles (os batizados) a compreendam, acolham e possam dar sua adesão e nela possam habitar” (BSLK 655,6-8). Na tentativa de exprimir a especificidade do conceito luterano a respeito do papel da Igreja como instrumento do Espírito, Albrecht Peters, acrescenta um detalhe importante:

O termo simbólico ‘Igreja Mãe’ rompe, em todo o caso, o horizonte coisificante-material da representação. A Igreja não é somente um instrumento funcional de salvação, mas é uma parceira pessoal do Espírito. É exatamente este o sentido da expressão que diz que ela é ‘a mãe que concebe e conduz cada cristão por meio da Palavra de Deus’. A Igreja é cooperadora (*cooperatrix*) do Espírito divino, aliás, a palavra ‘conceber’ [*zeugen*] nos leva a pensar até mesmo numa co-criadora e com isso a uma corredentora (*corredemptrix*). Seria de pensar em uma cocriadora na dimensão da salvação

¹² Veja também WA 50, 629, 13-16.

¹³ «“Santificar” não significa, portanto, outra coisa que conduzir ao SENHOR Jesus» (BSLK 654,38-40).

¹⁴ Trata-se de um conceito presente, por exemplo, nos escritos de Agostinho e de Quodvultdeus. Entretanto, encontra-se já em Pastor de Ermas, Tertuliano, Irineu, Clemente de Alexandria, Cipriano de Cartago, Metodius de Olimpo e outros. A este propósito se pode ver os estudos de PLUMPE (1943) e DELAHAYE (1964).

¹⁵ Mesmo que Lutero tenha utilizado esta expressão uma única vez no Grande Catecismo, ele o cita em outras suas obras, como documentado por PETERS (1991, 237, nota 540).

escatológica. [...] A Igreja – como mãe no espaço da ordem terrena – é no espaço da ordem espiritual a auxiliadora responsável do *Spiritus Creator*, e realiza isso num sentido específico (1991, p. 237-238).

Em todo caso, para a Igreja é essencial a ligação com o Espírito Santo¹⁶. Tal relação é constitutiva, tanto que se o Espírito não conduzisse a Igreja a orar e se, por meio dele, o coração dos cristãos não despertasse para a Palavra de Deus e pudessem a ela se agarrar, esse tesouro se perderia e, assim, se perderia totalmente aquilo que distingue a santa comunidade das outras comunidades terrenas: a capacidade de reconhecer Cristo como o Senhor e o Espírito Santo como o Santificador (BSLK 655, 11-17). Em outros termos: onde não está presente o Espírito que revela e permite que a Palavra de Deus seja pregada, não há Igreja cristã. Porque onde não se prega a Palavra, que diz que Cristo é o Senhor, aí – explica Lutero – “não há Espírito Santo que cria, chama e reúne na unidade a Igreja cristã, fora da qual ninguém pode chegar ao Senhor Cristo” (655, 29-33)¹⁷.

Com esta afirmação o reformador nada mais faz do que captar e repropor a verdade profunda da tradição patristica, expressa por Irineu de Lião com as notáveis palavras: ‘Pois onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a graça’ (1997, p. 296). Já no pensamento do bispo de Lião esta verdade foi colocada em relação com a pregação da Igreja para sublinhar que “é preciso refugiar-se na Igreja, permanecer no leito do seu seio e nutrir-se das Escrituras do Senhor” (1997, p. 449)¹⁸.

O Espírito constitui a Igreja como ‘comunidade de fé’

Sem maiores explicações, podemos constatar que, para Lutero, a obra santificadora do Espírito, mediante a Palavra, está intencionada a formar a Igreja – e com isso, simultaneamente, a própria indole eclesial dos batizados (o ser-membro da santa comunidade) – ou seja, orienta-se a salvaguardar e manter a Igreja à imagem da realidade que o próprio Senhor recomendou que ela fosse. Ao mesmo tempo, esta ação santificante coincide com o uso da Igreja, por parte do Espírito Santo, como instrumento de anúncio da Palavra de Deus. Por outro lado, a Igreja – como comunidade dos batizados - ao desejar ser tal instrumento, tornando-se disponível ao serviço da Palavra, pode experimentar - antes de tudo - ser lugar do agir constituinte do Espírito Santo, um agir que manifesta a verdade sobre Jesus Cristo, aliás, que torna possível a sua própria doação salvífica.

Para ulterior aprofundamento desta concepção sobre o nexos entre o Espírito e a Igreja remeto aos escritos de Herms, nos quais se destaca claramente que a ação indicada com os verbos *santificar*, *constituir* e *manifestar* (Cristo) – um manifestar que corresponde a conduzir a Cristo e a reconhecê-lo como Senhor – deve ser entendido com atenção àquele evento unitário fundamental que está no

¹⁶ No âmbito deste artigo não é possível apresentar a dimensão cristológica desta ligação, para mostrar que no seu ser unida ao Espírito, como sua criatura (*creatura Spiritus Sancti*), a Igreja está intimamente unida também a Cristo – Palavra eterna e encarnada do Criador – como *creatura Verbi*. Para um estudo católico da concepção de Lutero sobre a relação Igreja-Cristo-Espírito remeto a Gherardini (1994, p. 131-142, 167-186, 196-200). Um importante estudo deste mesmo tema, enquadrado na perspectiva da teologia da Revelação, pode ser encontrado em Herms (2010, p. 61-82; 1987, 47-57, 106-111).

¹⁷ Lutero reiterará a mesma ideia – relativa à constituição da santa comunidade mediante a pregação (da Palavra de Deus) como obra santificante do Espírito Santo – também nos textos Sobre os Concílios e a Igreja (WA 50, 629, 2 - 630, 2). Para uma análise mais profunda da expressão «ir ao Senhor (*zu dem Herrn Christo kommen*)» - cujo significado corresponde àquele de outros termos semelhantes presentes no comentário ao terceiro artigo, tais como: «nos leva a Cristo», «saber algo de Cristo» e «conduzir ao SENHOR Cristo» – ver Herms (1987, p. 42-54, 97-111).

¹⁸ «A Igreja, de fato, foi plantada como um paraíso neste mundo. “Comerás, portanto, do fruto de cada árvore do paraíso”, diz o Espírito de Deus. Isto é: Come de cada Escritura do Senhor [...]» (Ireneo di Lione, 1997, p. 449).

coração de cada obra do Espírito Santo. Junto ao efeito deste evento – que é primário em todo o seu divino operar – está a constituição da fé, sendo a fé sempre um novo dom de Deus¹⁹. Esta conclusão é sugerida pelo próprio Lutero, pois é ele mesmo quem faz convergir o discurso sobre o nexos entre o Espírito-Igreja e a questão da fé como realidade constituída e mantida no ser por Deus (uma questão que ele considera tema primordial para uma correta compreensão da Igreja como criatura e instrumento do Espírito). De fato, no *Catecismo Maior* ele afirma que o Espírito Santo nos atrai diariamente por meio da Palavra de Deus (e com isso cria, chama e congrega na unidade a santa comunidade) e por meio dela “nos dá, aumenta e fortalece a fé” (BSLK 660,6-7)²⁰. Para dizer com as palavras da obra *Sobre Concílios e a Igreja*:

A santidade cristã ou santidade própria da comunidade cristã (*gemeiner Christenheit*) ocorre quando o Espírito Santo doa aos homens a fé em Cristo e por meio dela os santifica (At 15), ou seja, renova o coração, a alma, o corpo, as obras e todo o ser, escrevendo os mandamentos de Deus não em tábuas de pedras, mas em corações de carne (2 Cor 3). Isto é, para dizer de uma forma compreensível: de acordo com a primeira Tábua, Ele dá o reto conhecimento de Deus, para que eles, iluminados por Ele com fé reta, possam resistir contra toda heresia, derrotar todas as falsas concepções e erros e, desse modo, permanecessem puros na fé, resistindo ao diabo. Ele doa também vigor e conforta as consciências temerosas, desanimadas, fracas, contra as acusações e a tentação do pecado, para que as almas não desanimem ou se desesperem, nem rendam frente ao martírio, a dor, a morte, a ira e ao juízo de Deus, mas, fortalecidos e confortados na esperança, com coragem e alegria vençam ao diabo. Assim, o Espírito doa também o verdadeiro temor e amor a Deus, para que não desprezemos a Deus e não murmuremos ou nos irriteemos contra seus maravilhosos juízos, mas em tudo o que acontece, bom ou ruim, a Ele amemos, louvemos, agradeçamos e honremos” (WA 50, 626, 15-30).²¹

Apesar da brevidade do comentário de Lutero ao *terceiro artigo* do Credo, certamente seria possível encontrar outras relevantes observações que caracterizam a sua eclesiologia e que ajudariam a desenvolver mais amplamente o tema da presente discussão. Neste momento parece oportuno concentrar-nos na busca do verdadeiro significado das expressões: “O Espírito Santo faz com que a Igreja pregue a Palavra de Deus”; “Ele prega através da Igreja” e “a Igreja concebe os cristãos, os carrega em seu ventre, mediante a Palavra que o Espírito revela/inculca”. Em outras palavras seria oportuno responder algumas questões: como deve ser imaginada e implementada a função instrumental da Igreja como meio constituído por Deus para a pregação da Palavra, cujo protagonista é o Espírito Santo? Como compreender e implementar a *cooperatio* entre a Igreja e o Espírito e entre as suas respectivas ações²²? E concretamente: o que seria exigido ou não para que a comunidade se tornasse o que deveria ser? Que tipo de ação é exigida dela?

¹⁹ Cfr. Herms (1984, p. 96-128; 2006, p. 81-95; 2010, 33-112; 1987, 25-34). Para o diálogo católico-luterano em torno deste mesmo tema consulte herms - žak (2007, p. 217-237).

²⁰ A centralidade do dom da fé, conferido pelo Espírito Santo para cada batizado e a toda a santa comunidade, é colocado em primeiro plano também no comentário ao terceiro artigo do Pequeno Catecismo (BSLK 511,46 - 512,13).

²¹ E continua: «Pode-se também falar sobre as três virtudes teologais, as três virtudes principais dos cristãos, isto é, a fé, esperança e amor. E é por isto que o Espírito Santo, que doa, realiza e opera esta transformação (que Cristo conquistou para nós) é chamado de *Santificador* ou *vivificador*» (WA 50, 626, 31-34).

²² Creio que seja exatamente esta a pergunta que consegue recolher com precisão a questão de fundo do nexos entre a Igreja (e a sua ação) e o Espírito Santo (e a sua divina ação), tocando na realidade de *quaestio princeps* de toda a teologia de Lutero: aquela da relação entre Deus e o homem, ou seja, do reto relacionar-se do homem com relação ao seu Criador e Redentor. A ideia da justificação pela fé, elaborada pelo reformador e considerada *articulus stantis vel cadentis Ecclesiae*, oferece uma precisa indicação sobre como deveria ser

Uma das respostas possíveis encontra-se mencionada no prefácio ao *Catecismo Maior*. Aqui Lutero encoraja os batizados e a toda a comunidade a entrar em contato intenso e frequente com a Bíblia e o catecismo “que é um breve resumo e transcrição de toda a Sagrada Escritura”. (BSLK 552,31-33). Além disso, ele reitera que sempre se pode tirar alguma utilidade e proveito da leitura, meditação e recitação diária de passagens das Escrituras, pela seguinte razão:

O Espírito Santo, de fato, está presente quando tal leitura, recitação e meditação ocorre, e acrescenta uma luz e um recolhimento sempre novos e maiores, para que se tenha cada vez maior gosto nesta leitura, meditação e recitação e os textos entrem mais profundamente na alma, como Cristo também promete Mt 18, 20: ‘Onde dois ou três estiverem reunidos no meu nome, eu estou no meio deles’ (549, 31-33).

Contudo, embora seja um texto de grande profundidade teológica e espiritual, o prefácio ao *Catecismo Maior* não é suficiente para oferecer respostas satisfatórias às questões ali suscitadas.

O estatuto e as características do agir eclesial

No comentário ao *terceiro artigo* é que encontraremos respostas, precisamente onde o reformador, interrogando-se sobre o modo e os meios de santificação utilizados pelo Espírito Santo, cita não só a igreja cristã, mas também “o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna” (BSLK 654,53 - 655,2)²³. Uma leitura superficial e rápida poderia levantar a suspeita de que a escolha de Lutero em identificar o modo e os meios de santificação com as realidades elencadas no *terceiro artigo* seja simplesmente aquela de indicar os momentos, acontecimentos e realidades que fazem parte da história da salvação compreendida como um progressivo caminho de santificação tanto universal (referido a humanidade, o mundo) quanto pessoal (com relação a cada cristão). Em suma, poderia parecer que Lutero quisesse enumerar aqueles momentos, acontecimentos e realidades que se sucedem na história da salvação e que isto acontece na ordem em que são mencionados no Credo. Por conseguinte, poderia parecer que assim como a Igreja é, em si, uma realidade criada e assistida pelo Espírito Santo, também o são, da mesma forma, o “perdão dos pecados”, “a ressurreição da carne” e a “vida eterna” na sua própria singularidade e, portanto, no diferente *kairós* do seu acontecer singular. Mas esta interpretação não é satisfatória.

Alguns estudiosos são da opinião de que o pensamento de Lutero seja guiado por outras intuições. Uma atenta leitura do seu comentário ao terceiro artigo – inserido no contexto de toda a teologia do catecismo e de outros comentários de Lutero ao Credo – mostra que as expressões “comunidade dos santos (a igreja cristã)”, “perdão dos pecados”, “ressurreição da carne” e “vida eterna” indicam momentos, eventos e realidades de valor salvífico estreitamente interligados, aliás, intimamente interpenetrados. Trata-se, de fato, de “elementos”, “aspectos”, “meios” e “efeitos” de um

pensado e vivido tal relação e sobre como tal ideia deveria ser configurada em termos eclesiológicos. Desejando resumir a sua reflexão sobre o comentário de Lutero sobre o terceiro artigo, e tendo primeiro sublinhado as implicações eclesiológicas, Herms chega a afirmar que o objeto deste texto – e com ele do inteiro comentário ao Credo apostólico – é, na realidade, um só: «aquela *cooperatio hominis cum Deo*, pela qual o Deus trinitário torna livre os seus santos» (Herms, 1987, p. 120). Para uma detalhada análise do conceito luterano de *cooperatio* remeto ao fundamental estudo realizado por Herms (2011, p. 61-135).

²³ O mesmo pensamento de Lutero está expresso ao início do comentário ao terceiro artigo: «Mas como se verifica esta santificação? Resposta: assim como o Filho recebe o seu senhorio pelo fato Dele nos conquistar (para si) mediante o seu nascimento, morte, ressurreição; assim o Espírito Santo realiza a santificação mediante os elementos (*die Stücke*) elecandos a seguir, isto é, a comunidade dos santos (ou igreja cristã), o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna» (BSLK 654,4-13).

único evento de santificação, originado e conduzido pelo Espírito e posto em ação pela santa comunidade, um evento que ocorre, *in primis*, no interior desta. Segue-se que o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna não são apenas metas (seja intermediárias como definitivas) da Igreja no seu itinerário histórico para alcançar a plenitude escatológica no fim dos tempos²⁴, mas são elementos e características essenciais que, unidos inseparavelmente e sincronicamente, definem o caráter eclesial da comunidade e de cada um dos seus membros²⁵.

Pois bem, é precisamente este modo de ver que sugere como seria interpretado o agir eclesial enquanto instrumento da ação do Espírito. A interpretação deve partir do reconhecimento de que o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna são realidades que já existem agora²⁶ – mesmo se só no estado inicial – na santa comunidade; e do reconhecimento de que tais realidades estão atuantes graças à *pregação* e à *celebração dos sacramentos*. Tal pregação e celebração, porém, não são outra coisa que eventos eclesiais que tem no centro a Palavra de Deus e que são vividos pela/na comunidade como expressões de fidelidade à ordem de anunciar o Evangelho, ou seja, estão em consonância com a promessa salvífica dada pelo Senhor.

Mas há mais: para Lutero é evidente que não pode haver uma cisão – muito menos um contraste – entre a ação eclesial chamada pregação e aquela chamada celebração dos sacramentos, mas que a

²⁴ Peters explica: «Lutero, no seu comentário, mostra que a ressurreição à vida eterna brota completamente do agir terreno de santificação do Espírito Santo. A escatologia presente e aquela futura não se contradizem, mas um pressupõe o outro. Já no aqui e agora o Espírito de Deus nos transporta em um movimento escatológico que somente no último dia chegará a cumprimento. Também os catecismos confirmam que a “teologia de Lutero é completamente escatológica, no sentido estrito do termo de espera até o fim”. Portanto, o agir terreno e aquele ultraterreno do Espírito são reciprocamente interconexos para nos fazer inteiramente pertencentes a Cristo, “a fim de que eu lhe pertença e viva, a Ele submetido, e no seu Reino o sirva em eterna justiça, inocência e bem-aventurança” » (1991, p. 241).

²⁵ No âmbito do presente estudo será necessário sinalizar a significativa convergência entre o discurso de Lutero, desenvolvido no Grande Catecismo, sobre o método e sobre os meios (chamados também de elementos) de santificação, identificados com as realidades elencadas no terceiro artigo, e aquele presente na obra *Sobre os Concílios e a Igreja*, referente às realidades das quais um pobre homem, sujeito ao erro, saberá e poderá reconhecer onde se encontra no mundo este povo santo cristão» (WA 50, 628, p. 19-21). Das palavras de Lutero aparece evidente que tais realidades funcionam como sinais externos de reconhecimento da santa comunidade, tanto que a teologia evangélico-luterana está habituada a considerá-las e a interpretá-las, ainda hoje, como *notae externae* ou *ecclesiae*. Todavia, ele os descreve também como verdadeiros «elementos principais do supremo tesouro de santidade (*die rechten Hauptstücke des hohen Heilthums*), por meio do qual o Espírito Santo realiza em nós uma cotidiana santificação e vivificação em Cristo, em conformidade com a primeira Tábua de Moisés» (WA 50, 642, 32-35). Lutero afirma: «Eu gostaria, evidentemente, de chamar estes elementos os “sete sacramentos”, mas [...] continuarei a indicá-los como os sete elementos principais da santificação cristã ou os sete tesouros de santidade (*sieben Hauptstücke Christlicher Heiligung oder sieben Heilthum*)» (WA 50, 643, 2-5). Trata-se dos seguintes sete elementos: a Palavra de Deus, o Batismo, o Sacramento do Altar, as chaves (o perdão dos pecados), o ministério (o ofício de administração), a oração (em particular do Pai Nosso, do Credo e do Decálogo) e a santa cruz (a perseguição e o sofrimento por amor de Cristo). Fica claro pelas explicações de Lutero que todos estes elementos e os quatro elementos elencados no terceiro artigo (a comunidade dos santos, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna) indicam o mesmo evento de santificação e as modalidades complementares da sua atuação. Além disso, tanto um quanto outro repousam sobre o fundamento da Palavra de Deus – reconhecida como central dentre todos os outros elementos – sendo individualmente e em conjunto meios por meio dos quais o Espírito Santo realiza a sua obra de santificação.

²⁶ Quanto ao já agora da futura “ressurreição da carne”, Lutero – o qual prefere utilizar o termo “ressurreição do corpo ou do cadáver” (BSLK 659,28-29) – recorda que o Espírito Santo na e por meio da santa comunidade, «santifica e desperta também o corpo a esta nova vida, até atingir a plenitude na vida futura» (WA 50, 627, 10-11). Este processo inicia com o sacramento do Batismo que, de fato, «significa duas coisas: morte e ressurreição». Tal morte e ressurreição – explica Lutero – «nós o chamamos “nova criação” (cf. 2Cor 5,17), “regeneração” (cf. Tt 3,5), “renascimento espiritual” (cf. Gv 3,6) e não será necessário interpretá-los somente alegoricamente como morte do pecado e vida da graça como muitos costumam fazer, mas como verdadeira morte e verdadeira ressurreição.[...] Por isso, quando começamos a crer ao mesmo tempo começamos a morrer para este mundo e a viver para Deus na vida futura: a fé é verdadeiramente morte e ressurreição [...]» (WA 6, 534, 3.9-11.15-17). Segundo Herms, o reformador concebe a futura e definitiva ressurreição da carne «como o cumprimento daquele processo em que já agora estão imersos os crentes que, pelo Espírito Santo, são colocados no seio da Igreja mediante a Palavra e sacramento» (Herms, 1987, p. 112-113). Um amplo desenvolvimento deste tema nos oferece ASENDORF (1967, p. 41-142).

pregação da Palavra de Deus deve acontecer a partir da vivência dos sacramentos²⁷. Obviamente, faz-se referência àqueles sacramentos que, como “sinais externos” da presença da graça eficaz, fazem acontecer a palavra da promessa salvífica: o Batismo e o Sacramento do Altar, ambos instituídos por Cristo. Na verdade, a celebração deles coincide com a pregação. Ao mesmo tempo, é verdade que o anúncio da Palavra de Deus no contexto de sua celebração ocorre, de fato, como testemunho da verdade do sacramento, isto é, da sua eficaz atuação por meio de “sinais externos” da promessa salvífica de Deus (Herms – Žak, 2011, p. 294-299).

Tanto a celebração como a pregação/anúncio são ações eclesiais e o são no verdadeiro sentido do termo. Porém, por se tratar de ações fundadas sobre a Palavra de Deus – da qual são instrumentos - cuja finalidade é conferir a graça salvífica, elas devem ser consideradas obras de Deus, mais precisamente são ações do Espírito, que santificam a sua - e através da sua - santa comunidade. Portanto, é nesta perspectiva que a tensão entre o agir da Igreja e o agir do Espírito deve ser interpretada e resolvida. O agir da Igreja é exigido pelo próprio Deus, mas requerido como uma específica obra realizada por meio do uso de “sinais externos”, perceptíveis através dos sentidos. É uma obra permeada pela Palavra de Deus e, por isso, em razão dos efeitos salvíficos que a Palavra cria (porque a promessa de Deus não pode deixar de se realizar) não é de forma alguma obra da santa comunidade, mas é ação gratuita de Deus²⁸. Resumindo: se vale que «*opus Ecclesiae est remissio peccatorum. Praedicat enim Evangelium, dat baptismum et remissionem peccatorum*» (WA 30 I, 45, 13-14), então, ao mesmo tempo, vale dizer que mediante esta obra age o Espírito Santo e que os efeitos salvíficos dela são possíveis somente pela graça de Deus. Portanto, tal ação é propriamente *Opus Dei*.

Ao que acabamos de dizer, é preciso acrescentar que o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna são, sim, momentos inaugurados pela ação santificadora do Espírito que ocorrem mediante a pregação e a celebração da Palavra de Deus. Porém, como ensina a última parte do *Catecismo Maior* dedicado à Confissão, o próprio Espírito faz ressoar a Palavra, por meio e para a sua comunidade, tanto como palavra de absolvição quanto como uma espécie de consolação. Esta ênfase não é de modo algum trivial, pois permite chamar a atenção sobre o que é central para a existência da Igreja e de cada um dos seus membros, sobre aquilo que, na realidade, é também um efeito essencial dos sacramentos do Batismo e da Ceia: o *transitus* da morte para a vida, do pecado à santificação/justificação, somente possível graças a Deus²⁹. Cada aspecto mencionado acima sobre o agir do Espírito Santo, que ocorre por meio da ação eclesial, compreende-se como realização desta passagem salvífica. A sua importância é tal que levou Lutero a sustentar que onde não há o perdão dos

²⁷ Para um detalhado estudo teológico-ecumênico da concepção de Lutero sobre a relação entre Palavra e sacramento gostaria de sugerir o estudo de Herms - Žak (2011, p. 15-77, 79-110, 283-355).

²⁸ Esta ideia é reiterada por Lutero, com muita ênfase, por exemplo, na obra *Sobre os Concílios e a Igreja*, onde escreve: “Portanto a Igreja, o santo povo cristão, não tem somente a Palavra externa, os sacramentos ou ministérios, do modo com o qual os tem também e ainda muito mais numerosos, o macaco de Deus Satanás, mas os recomendou, estabeleceu e ordenou o próprio Deus, uma vez que Ele mesmo (não um anjo) quer agir por meio deles com o Espírito Santo; e não devem ser ditos Palavra, Batismo, Sacramento do Altar ou perdão e ministério dos anjos, nem dos homens, nem das criaturas, mas de Deus mesmo» (WA 50, 647, 6-11).

²⁹ Com relação a este tema, que o reformador desenvolve na perspectiva da ideia da *creatio ex nihilo* como universal e permanente *modus operandi* de Deus, permita-me encaminhar para o estudo de Herms - Žak (2011, p. 398-408), Žak (2020, p. 106-123).

pecados – compreendido como perdão tanto da parte de Deus como da parte dos irmãos – não existe santidade e nem mesmo uma santa comunidade, precisamente uma Igreja (Bslk 658,25-42)³⁰.

O acento sobre a necessidade do perdão, reconhecido como experiência de uma passagem do pecado à santidade, é completamente indispensável para a correta compreensão tanto da eclesiologia de Lutero quanto para aquela da relação entre a Igreja e o Espírito Santo e, por conseguinte, também do estatuto e do modo de agir da “santa comunidade”. Tal compreensão, porém, deve levar em conta alguns pontos-chave da teologia luterana do pecado e do perdão, nos quais se manifesta as constantes conceituais típicas da teologia da justificação pela fé desenvolvida pelo reformador. Eles, expressos de forma extremamente sumária, afirmam:

- (a) que não obstante o novo início que Deus realmente opera com o Batismo, todos os homens, também os batizados, estão inclinados a pecar pela via do ‘pecado radical’, que não morre nesta vida;
- (b) que aquela realidade indicada com o termo “pecado” é uma realidade em movimento (um *motus*);
- (c) que quando Deus perdoa e, portanto, justifica – recriando no coração do batizado a vida nova (que brota da renovada relação com a Palavra eterna do Criador, manifestada em Cristo mediante o Espírito) – Ele confere a santidade que, porém, não é um estado permanente e nem definitivo;
- (d) que a justificação é uma realidade processual, ou seja, um ser-em-movimento, em transformação, em-ato;
- (e) que o batizado, realmente mediante a Palavra obtém o perdão dos pecados, torna-se simultaneamente justo e pecador;
- (f) que, por conseguinte, cada batizado vive em um permanente movimento (passagem) que alarga ou o seu ser-santo, ou o seu ser-pecador, caso ele não busque e não acolha a vivificante Palavra de Deus;
- (g) que, no fundo, a própria fé é um movimento constante e, enquanto tal, uma realidade dinâmica, processual e primorosamente ontológica-relacional (teocêntrica e comunal).

Quais seriam, então, as consequências para a eclesiologia de Lutero e, em particular, para o nosso tema? Por exemplo, que todos os verbos utilizados pelo reformador para descrever os diferentes aspectos e efeitos do agir santificante do Espírito Santo (*conduzir, testemunhar, convocar* etc), e por isso também do agir da Igreja (*pregar, celebrar, conceber, carregar no seio*, etc), indicam aspectos e efeitos de uma ação já realizada, sim, realmente em um tempo e espaço precisos. Entretanto, dada a presença ativa do pecado no mundo e no coração dos próprios batizados, tal ação realizou-se em vista de um sempre novo iminente cumprimento, vivido, por parte de cada cristão e da santa comunidade, com uma sempre nova intensidade. Eis a razão pela qual Lutero insiste tanto sobre a necessidade de ser

³⁰ Lutero escreve: «Ora, onde você vê que os pecados são perdoados ou punidas as culpas de algumas pessoas, seja em público que em privado, saiba que ali está presente o povo de Deus. De fato, onde não tem o povo de Deus não temos as chaves, e onde não as chaves não há o povo de Deus. Cristo deixou-as como a sua herança, para que fossem um sinal público e tesouro de santidade (*Heilthum*), por meio da qual o Espírito Santo (que Cristo nos conquistou com a sua morte) reintegra na santidade os pecadores caídos, e para que fazendo uso delas os cristãos confessem ser um povo santo, submisso a Cristo neste mundo [...]» (WA 50, 632, 10-17).

continuamente batizados por meio da fé³¹, de entrar em contato sempre novo e frequente com a Palavra de Deus³², de preocupar-se a fim de que “aconteça sem parar” (Bslk 658,18-19) a pregação do inteiro Evangelho e a celebração dos sacramentos. E eis porque afirma que “se Deus não perdoasse sem parar, estaríamos perdidos” (684,8), recomendando que a santa comunidade celebre frequentemente («deve ser feito com frequência»: 717,15) o Sacramento do Altar³³.

Portanto, o ser-conduzido à santa comunidade e incorporados nela, o ser colocado no seu seio de mãe, o ser-convocado à unidade, todas estas e outras descrições da ação santificante que o Espírito realiza na e por meio da Igreja – e que a Igreja, fiel a ordem recebida por Cristo, Palavra encarnada do Pai, desenvolve por força do Espírito - indicam uma obra que não pode ser considerada realizada uma vez por todas. Na vida terrena, a santificação (como ação justificadora de Deus junto com seu *efeito*) é, no seu realismo ontológico, sempre dinâmico no seu contínuo processo de mudança. Por isso, Lutero sublinha que “o Espírito Santo realiza a sua obra sem cessar, até o último dia” (659,47 – 600,1), mantendo a comunidade na santidade, ou seja, “junto com Jesus Cristo na única e verdadeira fé” (512,7-8). O fato é que, na vida terrena, vivendo “na carne”, a santidade dos batizados “está presente apenas no seu estado inicial e deve crescer ainda diariamente [...]. Por enquanto, de fato, permanecemos puros e santos só pela metade” (BSLK 659,1-2.7-8).

A modo de conclusão: a Igreja na perspectiva da Revelação

Muito mais seria possível deduzir, a respeito do nosso tema, a partir das considerações realizadas nesta exposição, sobretudo se fossem ainda mais evidenciadas as peculiares características da concepção luterana com relação ao nexos entre a Igreja e o Espírito Santo que decorrem do estreito entrelaçamento - presente no comentário ao *terceiro artigo*, bem como em toda a teologia do reformador – entre pneumatologia, eclesiologia, soteriologia e escatologia. Em vez disso, me limito a indicar um outro caminho, sugerido de modo bastante convincente pela obra *Luthers Auslegung des Dritten Artikels*³⁴. Neste texto Herms nos convida a considerar seriamente um fato de decisivo relevo interpretativo: a concepção que Lutero tem do Espírito, da Igreja e das suas respectivas ações foi formulada a partir de uma original “teologia da graça” – isto é, a partir da teologia luterana da justificação pela fé – a ser compreendida como uma Teologia da Revelação (*Offenbarungstheologie*) inovadora. Trata-se de uma teologia com um conceito de Revelação que supera aquele típico modelo da Escolástica medieval e tardomedieval. De fato, o reformador compreende por Revelação:

³¹ “Tu foste batizado sacramentalmente uma vez, mas deve ser continuamente batizado por meio da fé, deve sempre morrer e sempre reviver. [...] Nós, portanto, não estamos nunca privados do sinal e nem da substância mesma do Batismo: aliás, devemos sempre mais ser batizados até quando atingiremos o perfeito cumprimento deste sinal no último dia” (WA 6, 535, 10-11.14-16). Uma afirmação semelhante encontra-se no *Catecismo Maior*, onde se diz que a morte do velho Adão e a ressurreição do homem novo “devem prosseguir em nós no curso da nossa inteira vida, de tal modo que uma vida cristã não seja outra coisa que um Batismo cotidiano, que foi iniciado uma vez e vem continuamente continuado” (Bslk 704,32-35).

³² Ver, por exemplo, os insistentes convites presentes no *Catecismo Maior* (Bslk 549,21 - 550,30; 582,44-45; 586,5-17; 660,5-13).

³³ No *Catecismo Menor*, referindo-se aos pais e aos governadores, Lutero escreve: «Em vez disso, é preciso pregar de tal modo que eles próprios sintam a urgência mesmo sem a nossa lei e que até cheguem a nos obrigar - como pastores - a celebrar o sacramento» (Bslk 506,4-7).

³⁴ As principais ideias desta obra foram retomadas – em chave do panenteísmo ontológico-trinitário (baseado sobre a centralidade do conceito luterano de *orgulho*), individuado como horizonte hermenêutico base da teologia de Lutero – na recente obra *Luthers Ontologie des Werdens* (Herms, 2023).

Aquela ação do Espírito, por meio da qual Ele manifesta a todos os eleitos, individualmente, o sentido e a verdade do evento-Cristo, e isto de tal modo que eles, graças a tal agir, sejam libertados e capazes de se comprometer à obediência de fé. Portanto, Lutero indica com a palavra “Revelação” um fato decisamente mais complexo do que aquele entendido pela escolástica, a saber, a obra livre e soberana do Espírito Santo, na qual o *Evangelium* transmitido se dá a conhecer, antes de tudo, como presente e determinante potência de Deus e, portanto, como fundamento e objeto da fé. Em outras palavras: Lutero chama de “Revelação” o desabrochar do sentido e da verdade da cruz de Jesus Cristo, em virtude da qual se torna manifesto para o ser humano que sua relação com Deus é aquela de um pecador. E ao mesmo tempo, manifesta que o relacionamento de Deus com o pecador é aquele de um juiz que por amor o justifica. Consequentemente, Lutero entende a Revelação como o acontecimento que estabelece a certeza constituída pelo fundamento e objeto da fé, exatamente aquela fé que é necessária a fim de que um ser humano se torne participante da vida eterna, preparada para ele por Deus (Herms, 1987, p. X-XI).

Não será possível aqui aprofundar de modo detalhado as argumentações e explicações de Herms. Lembro apenas que todas elas tem a intenção de nos comunicar uma única coisa: o agir santificante do Espírito Santo, descrito no comentário ao *terceiro artigo* com os verbos acima mencionados (conduzir, testemunhar, convocar etc). Tal ação santificante deve ser compreendida como o evento e o fruto de um real e salvífico tornar-presente no seio da história da graça e da verdade do Deus trinitário. Consequentemente isso quer dizer que o agir da Igreja – indicado com os verbos *pregar, celebrar, conceber, carregar no seio* e outros – pode e deve ser entendido somente e exclusivamente nesta mesma perspectiva da Revelação (Herms, 1987, p. 39-115). Mas há algo a mais. Na concepção de Herms, o agir do Espírito Santo e aquele da Igreja, consideradas na sua própria singularidade e recíproca interconexão, fundam-se e manifestam a verdade daquele agir divino explicitados no primeiro e segundo artigos do Credo apostólico, aquela ação que – como já mencionado - Lutero exprime de forma concisa com os substantivos “(Deus) Criador” e “Senhor (Jesus Cristo)” e com os verbos *criar* (e criando *manter no ser*) e *tornar-se o nosso Senhor*.

O que isso significa para o nosso tema? Que tal ação divina criadora e salvífica – mencionada nos artigos anteriores ao terceiro artigo – deve ser compreendida não apenas no horizonte histórico-cronológico, mas como uma obra realizada antes mesmo da ocorrência dos acontecimentos de santificação a qual faz menção o último terceiro artigo, sobretudo em chave ontológica. Na verdade, é uma ação de Deus Criador e Salvador que é simultânea, perfeitamente sincrônica com aquilo que se chama “santificação”, fazendo parte como uma ação que afeta o ser dos batizados, membros da santa comunidade.

Interpretada na perspectiva da Revelação, o agir santificante do Espírito, que constitui e utiliza o instrumento chamado “Igreja” ou “santa comunidade”, aparece agora na sua verdadeira largura, comprimento, altura e profundidade (cf. Ef, 3,18), isto é, na sua complexidade verdadeira e constitutiva. E o mesmo deve ser dito do agir eclesial, descrito no comentário de Lutero ao terceiro artigo, bem como dos elementos, meios e ações de santificação e indicados com os termos ‘perdão dos pecados’, ‘ressurreição da carne’ e ‘vida eterna’. Esta perspectiva mostra de forma convincente que tudo aquilo que o reformador explica a respeito do agir do Espírito Santo e do agir da Igreja (e, portanto, da cooperação desta última com o Espírito) – e que aqui foi apresentada de forma muito sintética – deve ser de novo compreendida e repensada à luz do realismo trinitário destas ações.

Herms insiste sobre a necessidade de se utilizar exatamente esta chave de leitura para poder recolher o verdadeiro significado da ideia de Lutero de que é o Espírito Santo que, pregando mediante

a Igreja, “nos conduz a Cristo” (Bslk 654,16-17). Este ser conduzido a Cristo – que constitui tanto a Igreja (no seu ser santa comunidade) como a eclesialidade/santidade dos batizados – corresponde ao desvelar-se da certeza, na fé, de que Cristo é o meu/nosso único Senhor (Herms, 1987, p. 42-53). Tal conhecimento e abertura é possível graças ao Espírito Santo, o qual *nos revela e torna realmente presente*, para nós, o agir salvífico de Deus em Cristo. Pode-se dizer isso com Lutero: «Ut ergo Christi mors et resurrectio occulta non maneret, venit spiritus sanctus, praedicat» (WA 30 I, 91, 13)³⁵; entendido no sentido: «Quod Christus sua passione meruit, das richtet spiritus sanctus aus per suam Ecclesiam» (WA 30 I, 45). Portanto, graças à ação reveladora do Espírito torna-se realidade, para os membros da santa comunidade, a obra de Cristo, “o seu libertador domínio sobre nós” (Herms, 1987, p. 51). Aqui encontra-se o verdadeiro significado das expressões: “ser conduzido a Cristo”, “entrar no seu Reino”, “ser colocado no seio da Igreja” e outros similares.

Contudo, esta ação do Espírito Santo deve contemporaneamente ser compreendida no sentido de que a obra de Cristo tornada realidade, do seu tornar-se presente – em favor dos batizados e da santa comunidade – acontece por meio do representar-se real e salvífico da própria Palavra encarnada, isto é, da autocomunicação de Deus, que em Cristo se manifestou corporalmente como o *Logos* eterno/criador do Pai³⁶. O falar que, ressoando, cria e revela Deus como Criador, o qual continua a pronunciar, no Espírito, a sua Palavra eterna e criativa dirigida ao mundo criado. A explicação que Lutero oferece no comentário ao Magnificat a propósito do agir salvífico de Deus – entendido como uma contínua e real creatio ex nihilo – ilustra muito bem a profundidade teológica desta concepção da Palavra de Deus, do seu real revelar-se aqui e agora, para nós, enquanto *Deus loquens* (Beutel, 2005, p. 362-371). Tudo isso significa que quando Lutero descreve, no comentário ao *terceiro artigo*, o agir do Espírito Santo como uma ação por meio da qual a Palavra de Deus cria a santidade, ele compreende por Palavra aquele eterno falar divino que em Cristo manifesta Deus como Criador e Pai, com a sua potência criadora e a vontade de comunhão. E precisamente nesta perspectiva do realismo trinitário, Lutero destaca o verdadeiro significado do *primeiro* e do *segundo artigo* do Credo apostólico.

Herms insiste muito sobre a importância da *interioritas* do batizado como lugar onde ocorre a ação reveladora do Espírito Santo, descrita no *terceiro artigo*. Salienta, por outro lado, o efeito principal que o Espírito Santo ali opera: a interiorização da Palavra de Deus, da qual faz parte a consciente tomada de consciência (Herms, 1987, p. 53-65), por parte do batizado, da sua própria humana natureza verbal. Mas por qual razão este deveria tratar-se de um efeito tão decisivo? Porque a verdade que o pecado esconde e que, por sua vez, a inserção na santa comunidade restaura é que todos os seres humanos são naturalmente, como criaturas de Deus, *verba creata*, isto é, predispostos a participar na comunhão com o *Deus loquens* (Beutel, 2005, 365-369) e, graças a isso, abertos à comunhão com cada ser humano.

Portanto, a Igreja e o seu agir deve estar ao serviço desta obra universal e cósmica de santificação. Por conseguinte, a preocupação prioritária da santa comunidade não deve ser pelo seu

³⁵ Esta ideia encontra-se desenvolvida no Grande Catecismo, onde Lutero afirma que: “De fato, nem você e nem eu poderemos saber algo de Cristo ou crer nele, se isto não fosse ofertado e doado ao nosso coração pelo Espírito Santo mediante a pregação do Evangelho; a obra aconteceu e está realizada pois Cristo conquistou e adquiriu este tesouro para nós mediante a sua paixão, morte, ressurreição etc. Mas, se a obra permanecesse escondida, de modo que ninguém soubesse de nada, seria inútil e perdida. Portanto, para que este tesouro não permanecesse enterrado, mas fosse usado e aproveitado, Deus emitiu e fez anunciar a sua Palavra, e, com isso, nos deu o Espírito Santo, para ficar do nosso lado e nos fazer herdeiros deste tesouro da redenção» (Bslk 654,22-38). E ainda: “[...] não poderemos saber nada de Cristo se não nos fosse revelado mediante o Espírito santo» (Bslk 660,44-47).

³⁶ Este tema encontra-se desenvolvido de modo detalhado dentro do horizonte rigorosamente trinitário em Herms (2023).

fazer (por suas “obras”), mas pelo seu ser-na-fé, deve deixar-se regenerar por Deus Pai, mediante a Palavra eterna e encarnada, que nos foi pregado pelo Espírito Santo. Assim, pregando por meio da Igreja, o Espírito Santo recorda aos batizados, que o Criador fala também ao coração de cada ser humano, pronunciando na sua interioridade palavras que são absolutamente fundamentais e decisivas para a vida; palavras de universal significado veritativo correspondentes àquelas expressas em chave bíblica-religiosa pelo Decálogo (Herms, 1987, 19-25, 83-92).

Certo, dado o endurecimento do coração humano causado pelo pecado, o significado das palavras do Decálogo torna-se – segundo Lutero – compreensíveis apenas se iluminado pelos artigos do Credo apostólico. Na verdade, somente se estes artigos forem acolhidos e colocados em prática a partir do nosso confiante permanecer *coram Deo* como criaturas de Deus (Herms, 1987, p. 119-120). Estar diante de Deus como criaturas que confiam total e incondicionalmente em cada Palavra de promessa. O que, no entanto, só é possível numa santa comunidade.

Referências

ASENDORF, Ulrich. *Eschatologie bei Luther*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.

BEUTEL, Albrecht (Ed.). *Luther Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.

[BSLK] *Bekennnisschriften der evangelisch-lutherischen Kirche*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1955².

CASSESE, Michele. *La prima controversistica cattolica del Cinquecento e la sua concezione della Chiesa nella lotta contro Lutero*. In: BIFFI, Inos; MARABELLI, Costante (Edd.). *Figure moderne della teologia nei secoli XV-XVI*. Milano: Jaca Book, 2007, p. 87-136.

CAVALLOTTO, Stefano. Il «credo ecclesiam» dalla Professione di fede di Lutero (1527/'28) agli Articoli di Schwabach (1529). *Asprenas*, n. 30, p. 383-415, 1983.

DECARO, Marino. Elementi di ecclesiologia luterana. *Studi ecumenici*, n. 24, p. 213-225, 2005.

DELAHAYE, Karl. *Ecclesia Mater chez les Pères des trois premiers siècles*. Paris: Cerf, 1964.

GHERARDINI, Brunero. *La chiesa nella storia della teologia protestante*. Torino: Borla, 1969.

GHERARDINI, Brunero. *Creatura Verbi. La Chiesa nella teologia di Martin Lutero*. Roma: VivereIn, 1994.

HARASTA, Eva. *Die Bewahrheitung der Kirchen durch Jesus Christus. Eine christologische Ekklesiologie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011.

HERMS, Eilert. *Einheit der Christen in der Gemeinschaft der Kirchen. Die ökumenische Bewegung der römischen Kirche im Lichte der reformatorischen Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1984.

HERMS, Eilert. *Luthers Auslegung des Dritten Artikels*, Tübingen: Mohr Siebeck, 1987.

HERMS, Eilert. *Phänomene des Glaubens. Beiträge zur Fundamentaltheologie*, Tübingen, Mohr Siebeck, 2006.

HERMS, Eilert. *Kirche - Geschöpf und Werkzeug des Evangeliums*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.

HERMS, Eilert. *Opus Dei gratiae: Cooperatio Dei et hominum*. Luthers Darstellung seiner Rechtfertigungslehre in *De servo arbitrio*. *Lutherjahrbuch*, n. 78, p. 61-135, 2011.

HERMS, Eilert. *Luthers Ontologie des Werdens. Verwirklichung des Eschatons durchs Schöpferwort im Schöpfergeist. Trinitarischer Panentheismus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2023.

HERMS, Eilert; ŽAK, Lubomir (Edd.). *Fondamento e dimensione oggettiva della fede secondo la dottrina cattolico-romana ed evangelico-luterana. Studi teologici*. Roma: Lateran University Press - Mohr Siebeck, 2008.

HERMS, Eilert; ŽAK, Lubomir (Edd.). *Sacramento e Parola nel fondamento e contenuto della fede. Studi teologici sulla dottrina cattolico-romana ed evangelico-luterana*. Città del Vaticano: Lateran University Press - Mohr Siebeck, 2011.

IRENEO DI LIONE, *Adversus haereses*; trad. ital. *Contro le eresie e gli altri scritti*. Milano: Jaca Book, 1997².

LUTHER, Martin. *Der kleine Katechismus für die gemeine Pfarrherrn und Prediger (1529) [Piccolo Catechismo]*. In: BSLK, 501,1 -541,11 (p. 501-541).

LUTHER, Martin. *Der großer Katechismus deutsch (1529) [Grande Catechismo]*. In: BSLK, 545,1-733,24 (p. 545-733).

LUTHER, Martin. *Von den Konzilien und Kirchen (1539) [Sui Concili e la Chiesa]*. In: Weimarer Ausgabe [= WA] 50, 509 - 653, 15.

MÜLLER, Hans Martin. Luthers Kirchenverständnis und seine Rezeption im deutschen evangelischen Kirchenrecht. *Zeitschrift für evangelisches Kirchenrecht*, n. 49, p. 45-72, 2004.

PETERS, Albrecht. *Kommentar zu Luthers Katechismen, vol. 2: Der Glaube - das Apostolikum*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.

PLUMPE, Joseph Conrad. *Mater Ecclesia: an inquiry into the concept of the Church as mother in early Christianity*. Washington: Catholic University of America Press, 1943.

ŽAK, Lubomir. Elements of Ontology in Luther's Lectures on Romans (1515-1516). *Theological Research. The Journal of Systematic Theology*, n. 8, p. 101-129, 2020.

RECEBIDO: 17/05/2024
APROVADO: 17/07/2024

RECEIVED: 05/17/2024
APPROVED: 07/17/2024